

Setor de serviços no terceiro trimestre esfria e liga alerta

Indústria atrativa e agropecuária vão na contramão e segura resultado

Por **Marcelo Osakabe, Isadora Camargo** e **Alex Joge Braga** — De São Paulo

05/12/2025 05h02 · Atualizado agora

O desempenho do setor de serviços no terceiro trimestre surpreendeu e desacelerou mais rapidamente que o esperado, dizem economistas, notando que o desempenho contrariou a direção dada por outras variáveis da economia, como mercado de trabalho e renda. O setor ficou praticamente estável no período, com alta de 0,1% na comparação com o trimestre anterior. O resultado veio abaixo da mediana das projeções coletadas pelo Valor Data, de alta de 0,4%.

“Foi o setor de serviços que explica o discreto desvio para baixo na nossa projeção para o PIB cheio”, comentou o ABC Brasil em relatório.

“Observamos, com isso, o efeito defasado das condições monetárias.”

“Foi o destaque negativo pela ótica da oferta. O mercado costuma acompanhar o setor pela PMS, que é mensal e vinha demonstrando resultados mais fortes, mas é bom lembrar que ela cobre apenas parte do setor”, nota o economista-chefe da Asset 1, Luis Cezario.

Ele chama atenção para o desempenho da categoria “outros serviços”, que abarca os serviços prestados às famílias, que cresceu apenas 0,1% no trimestre. Tal desempenho não casa com a performance do mercado de trabalho, diz. Uma possível explicação para essa aparente contradição pode ser o endividamento das famílias, que está nas máximas históricas, observa.

Thiago Xavier, da Tendências, pondera que o dado mais fraco de serviços pode ter alguma interferência da revisão histórica feita pelo IBGE. Ele também chama atenção para o baixo desempenho dos outros serviços. Juntamente com a categoria intermediação financeira, foi o único cujo desempenho piorou na comparação com o segundo trimestre.

Indústria e agropecuária

A indústria cresceu acima da expectativa no trimestre. Mesmo assim, não reverte expectativa de baixo crescimento em 2025. A indústria extrativa e a construção civil foram as protagonistas no período.

A restrição fiscal com a Selic a 15% e a sobretaxa de 50% aos produtos exportados aos Estados Unidos são entraves para maior aumento da atividade da indústria nacional, que só deve ter recuperação mais robusta em 2027, dizem especialistas.

Segundo o IBGE, a indústria total cresceu 0,8% no período. O destaque vai para a indústria extrativa, com alta 1,7% no trimestre. Foi o quarto trimestre seguido de alta.

“Essa alta deve-se muito a demanda agregada, que reacelerou o setor nesse segundo semestre”, afirma, diz Vitor Vidal, economista e fundador da consultoria VVC.

De todos, a indústria de produção é a mais afetada, pois está “andando de lado esse ano”, frisa Luis Otávio Leal, economista-chefe da G5 Partners.

Para o ano que vem, Leal acredita que pode haver leve melhora, pois deve se “iniciar uma diminuição da taxa de juros e vamos começar a sentir os efeitos dos produtos que foram retirados em novembro da lista americana da sobretaxa de 40%”, diz. “Conduto, recuperação de fato somente teremos em 2027.”

Stefano Pacini, economista do FGV Ibre, considera que, mesmo com cenário mais favorável, a elevação da atividade industrial não será imediata, por causa de estoques muito altos.

A agropecuária teve desempenho positivo, refletindo a combinação favorável de clima, safra recorde, recuperação de preços e forte desempenho exportador. De acordo com o IBGE, o PIB agropecuário cresceu 0,4% no terceiro trimestre em comparação com o segundo trimestre do ano.

A surpresa de crescimento para um terceiro trimestre se dá porque, em geral, de julho a setembro a colheita já terminou. Mas, nos últimos dois anos, o setor enfrentou atrasos na plantio, tanto na primeira quanto na segunda safra.

Para José Carlos Hausknecht, sócio-diretor da MB Agro Consultoria, o resultado surpreendeu principalmente pela recuperação da produção de grãos. O setor vem registrando produção e exportações em níveis recordes, superando inclusive os efeitos do tarifaço em mercados importantes.

As proteínas estão com desempenhos aquecidos, o que ajuda explicar protagonismo das carnes no PIB, segundo o especialista. Hausknecht cita também que a reversão de perdas em culturas perenes, como cana-de-açúcar, também contribuiu.